

## “Os alemães ultramarinos também estão ajudando”: o trabalho do Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra de Porto Alegre (1940-1943)

“Overseas Germans are also helping”: the work of the German Committee for Relief of War Victims in Porto Alegre (1940-1943)

João Vítor Sand\*

<https://orcid.org/0000-0002-2703-3609>

Rosane Marcia Neumann\*\*

<https://orcid.org/0000-0001-5203-5086>

### Resumo

O presente estudo tem como fio condutor a ajuda humanitária de organizações com sede no Brasil para civis e prisioneiros de guerra alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Como recorte, analisa-se o trabalho do Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, sediado no Rio de Janeiro, por intermédio do Subcomitê Alemão, com sede em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no período de 1940 a 1943, ambos submetidos à Cruz Vermelha Brasileira. A análise em microescala permite acompanhar a atuação dessas organizações em rede, sua respeitabilidade pelo volume de arrecadações e a beneficência como um *status* social para a sociedade nacional e as comunidades étnicas. Portanto, este estudo evidencia o papel desempenhado por estas organizações humanitárias – locais e internacionais – no contexto da ajuda humanitária durante a Segunda Guerra Mundial. Esta pesquisa contribui para ampliar o entendimento sobre as conexões entre organizações humanitárias atuantes no Brasil com as dinâmicas globais da década de 1940.

**Palavras-chave:** Cruz Vermelha Brasileira; Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra; Ajuda humanitária; Rio Grande do Sul; Segunda Guerra Mundial.

\*Doutorando em História (PPGH/UFPel). Professor da Rede Estadual de Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS). E-mail: joaovsand@gmail.com

\*\*Doutora em História (PPGH/PUCRS). Professora visitante no PPGH/FURG e Analista Pesquisador - História no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS/SPGG). E-mail: rosaneneumann@gmail.com



### Abstract

This study is guided by the humanitarian aid provided by organizations based in Brazil to German civilians and prisoners of war during World War II. As a case study, it analyzes the work of the German Committee for War Victims Relief, headquartered in Rio de Janeiro, through its German Subcommittee, based in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, between 1940 and 1943, both operating under the Brazilian Red Cross. A micro historical analysis allows for the examination of these organizations' networked operations, their credibility based on the volume of donations collected, and the role of beneficence as a social status within both the national society and ethnic communities. Therefore, this study highlights the role played by these humanitarian organizations—both local and international—in the broader context of humanitarian aid during World War II. This research contributes to a deeper understanding of the connections between humanitarian organizations operating in Brazil and the global dynamics of the 1940s.

**Keywords:** Brazilian Red Cross; German Committee for War Victims Relief; Humanitarian aid; Rio Grande do Sul; World War II.

### Considerações iniciais

A Cruz Vermelha Brasileira (CVB), por intermédio dos Comitês étnicos fundados na década de 1940, foi a organização mais proeminente no envio de carregamentos de mantimentos à Europa no decorrer e no pós-Segunda Guerra Mundial, em socorro às vítimas do conflito. Enquanto organização internacional, com atuação transnacional, seu foco consistiu na ajuda humanitária em contextos diversos, independente de quem são as vítimas. Nessa perspectiva, o presente estudo tem por objetivo analisar o trabalho desempenhado pelo Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, durante os anos de 1940 a 1943, bem como os reflexos do rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha no trabalho do Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Trata-se de uma pesquisa calcada em fontes primárias, cujo acervo é composto por cartas emitidas pela presidência do Subcomitê, relatórios de trabalho e circulares expedidas e enviadas aos doadores, sob a guarda do Acervo Benno Mentz, localizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Em termos teórico-metodológicos, dialoga-se com a micro-história italiana, em busca dos rastros da atuação do Subcomitê Alemão de Porto Alegre, suas articulações e estratégias, inserido no contexto nacional e global de envio de mantimentos durante a Segunda Guerra Mundial aos combatentes e vítimas dos conflitos armados. Segundo Giovanni Levi (2020),

a Micro-história e a própria História, é a ciência das perguntas gerais e respostas locais. Partindo dessa premissa, a questão/pergunta geral “como foi o envio de mantimentos para a Europa, durante a Segunda Guerra Mundial?” norteia o estudo. A resposta é construída por meio da microanálise da atuação do Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra de Porto Alegre. Ao examinar a temática em pequena escala, é possível identificar “relevâncias invisíveis para um observador distante e para uma leitura de ampla dimensão”<sup>1</sup>. Sendo assim, a micro-história, enquanto processo de estudo minucioso de uma micro realidade, revela suas complexidades e os caminhos pelos quais a história foi escrita, os erros e acertos cometidos, o contexto em que as decisões foram tomadas e as múltiplas possibilidades, compreendendo como se originaram comportamentos, escolhas, solidariedades. Contudo, ao renunciar as leituras esquemáticas e gerais, os estudos micro analíticos não podem ser dissociados do seu contexto macrohistórico, tempo e espaço.

O presente estudo apresenta, inicialmente um panorama do contexto da Segunda Guerra Mundial e do papel desempenhado pela Cruz Vermelha Brasileira no auxílio às vítimas do conflito. Posteriormente, analisa-se a atuação do Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra e do Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra de Porto Alegre, esmiuçando suas redes de arrecadação e as estratégias de mobilização até o encerramento de suas atividades em 1942. Por fim, discute-se as implicações desse tipo de ajuda humanitária e suas conexões com a construção das identidades étnicas no Brasil.

## Em socorro às vítimas da guerra

A Segunda Guerra Mundial mobilizou os Estados-nação beligerantes, bem como a sociedade civil de diferentes países. Por meio de associações e organizações, essa sociedade civil buscou caminhos para socorrer as vítimas do conflito. No Brasil, especialmente na região Sul, emergiram múltiplas organizações com tal propósito, majoritariamente afiliadas ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha, representado localmente pela Cruz Vermelha Brasileira. Algumas dessas organizações de base religiosa e/ou étnica exerceram suas atividades em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, como o Subcomitê de Socorro às Vítimas de Guerra na Alemanha<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> LEVI, Giovanni. Micro-história e história global. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre. *Micro-História: um método em transformação*. São Paulo: Letra & Voz, 2020. p. 21.

<sup>2</sup> No primeiro documento de 1940, a organização se apresentou como “Comitê de Socorro às Vítimas de

Em 2 de janeiro de 1940, uma circular do Subcomitê de Socorro às Vítimas de Guerra na Alemanha, sediado em Porto Alegre, informou que as primeiras 50 caixas de mercadorias e 115 sacos de arroz haviam sido encaminhados para uma organização de ajuda humanitária alemã. Para os envios subsequentes, seria vedada a inclusão de tecidos ou fios, estando permitida somente a inclusão de produtos processados, tendo em vista que a Cruz Vermelha Brasileira somente aceitava e encaminhava esses itens. Em caso de doação de tecidos por parte de alguma senhora, o material deveria ser processado e enviado, já pronto, para a empresa Lang & Cia. Eram de maior necessidade as “roupas e peças íntimas de todos os tipos, roupas de cama e mesa, sabonetes, bem como gêneros alimentícios que possam ser transportados por mais tempo (exceto café)”<sup>3</sup>.

Ademais, as ações beneficentes também foram pautadas pela imprensa. Em 29 de agosto de 1940, o periódico *Gazeta de Notícias* publicou uma reportagem a respeito da atuação da Cruz Vermelha Brasileira no socorro às vítimas de guerra. Na reportagem, a organização era descrita como apoiadora, de maneira irrestrita, dos vários comitês das “colônias estrangeiras”<sup>4</sup>. Tinha por objetivo fornecer “o maior apoio moral e material a todos que procuraram abrigar-se sob a sua bandeira [CVB] para socorrer os prisioneiros e feridos nos campos de batalha, bem como para saber a sorte de centenas de milhares de desaparecidos e refugiados.” Estes comitês eram formados pela mobilização de grupos étnicos, como o Comitê Alemão, que contava com uma sala cedida para as “senhoras alemãs” na sede da Cruz Vermelha, no Rio de Janeiro. Em entrevista ao referido jornal, uma das senhoras informou que a fundação do Comitê ocorreu

poucos dias depois de romper o conflito europeu e iniciamos o nosso serviço de socorro sob o amparo da Cruz Vermelha Brasileira. Durante esse tempo já fizemos 8 grandes remessas de roupas de uso, gases, ataduras, medicamentos e muitas outras coisas úteis aos prisioneiros alemães. Graças à Cruz Vermelha, não tivemos o mínimo embaraço em fazer chegar esses donativos aos pobres soldados, antes pelo contrário temos recebido

---

Guerra na Alemanha”, nas demais circulares, é apresentado como “Subcomitê de Socorro às Vítimas de Guerra na Alemanha”. Desta forma, utilizaremos Subcomitê para nos referirmos à esta entidade em Porto Alegre, e Comitê Central para a do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Circular Comitê de Socorro às Vítimas de Guerra na Alemanha, 02/01/1940. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>4</sup> A ACÇÃO da Cruz Vermelha Brasileira no Socorro às Vítimas de Guerra. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano 66, nº 201, p. 7, 29 de ago. 1940. p. 7.

todo o apoio moral e material da direção de vosso país, o que nos permitiu organizar ainda um serviço de informações sobre pessoas desaparecidas<sup>5</sup>.

O jornal ainda destacava a imparcialidade da Cruz Vermelha Brasileira, que tratava “a todos os ‘comitês’ e países beligerantes de maneira idêntica, dentro da mais rigorosa imparcialidade”. Na mesma matéria, o então presidente da organização, General Álvaro Tourinho, manifestou apoio à neutralidade e à isenção de distinções políticas e raciais no processo de formação dos comitês. Segundo o general, a responsabilidade primordial dos comitês seria “socorrer os seres humanos atingidos pelo maior flagelo do Mundo”<sup>6</sup>. Ele enfatizou que essa assistência deveria ser fornecida de maneira imparcial e sem discriminação, enfatizando que essa é a razão de ser da Cruz Vermelha.

Já a Revista da Cruz Vermelha Brasileira, em sua edição de 1943, apresentou um balanço das atividades do Comitê Internacional da Cruz Vermelha em prol das vítimas da guerra. A matéria destacava que as ações eram voltadas a dois grupos: os prisioneiros de guerra e os civis. Para o primeiro grupo, surgiu durante a Guerra Civil Espanhola, havia duas seções de socorro: individual, onde eram encaminhados pacotes aos prisioneiros através das Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha ou de outras organizações de assistência “capazes de lhes prestar auxílio ou ainda a particulares previamente indicados pelos prisioneiros”; e o socorro coletivo, que inicialmente “repartia os envios por meio de listas de prisioneiros, não recebendo pacotes particulares e coordenava os esforços das pessoas e sociedades de recursos suscetíveis de virem regularmente em auxílio dos prisioneiros particularmente dignos de interesses”<sup>7</sup>. Entretanto, em razão do início da nova guerra, foi instituída a seção de socorros coletivos, a qual passou a distribuir donativos aos “homens de confiança” dos campos de prisioneiros. Nesses campos de prisioneiros, os envios eram remanejados e destinados aos menos favorecidos, visto que, “de um modo geral, os prisioneiros são bons e os serviços complementares não são somente de grande utilidade prática, mas ainda lhes servem de grande conforto moral”<sup>8</sup>. Ainda, na hipótese de haver tal possibilidade, seria realizada

<sup>5</sup> A ACÇÃO da Cruz Vermelha Brasileira no Socorro às Vítimas de Guerra. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, ano 66, nº 201, p. 7, 29 de ago. 1940. p. 7.

<sup>6</sup> A ACÇÃO da Cruz Vermelha Brasileira no Socorro às Vítimas de Guerra. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, ano 66, nº 201, p. 7, 29 de ago. 1940. p. 7.

<sup>7</sup> ATIVIDADE de Socorro do Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Revista da Cruz Vermelha Brasileira, p. 18-20, jul. 1943, vol.1. p. 18.

<sup>8</sup> ATIVIDADE de Socorro do Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Revista da Cruz Vermelha Brasileira, p. 18-20, jul. 1943, vol.1. p. 19.

a distribuição de numerário aos prisioneiros e internados civis em situação de maior vulnerabilidade.

Por fim, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha criou um serviço de Assistência Intelectual, que se ocupava de fazer com que “os prisioneiros afastem de si a tristeza e o aborrecimento de que são vítimas, por meio da leitura”<sup>9</sup>. Os pedidos de livros eram realizados pelas “autoridades, delegados do CICV ou pelos próprios prisioneiros, e os distribuem para as diversas instituições, de modo a evitar lacunas ou duplicidades”. Nem todos os livros eram aprovados quando chegavam na agência responsável, onde eram catalogados e submetidos a uma primeira censura. O único objetivo da distribuição dos livros era a distração dos prisioneiros. Além dos livros, havia artigos científicos e cursos por correspondência que permitiam “aos estudantes continuarem os seus estudos, de modo que gramáticas, dicionários etc., auxiliam os prisioneiros a aprenderem as línguas estrangeiras”<sup>10</sup>. Livros religiosos como bíblias, manuais eclesiásticos, livros de canto também eram enviados para que os prisioneiros celebrassem seus cultos. Também eram enviados jogos e instrumentos musicais. Os múltiplos itens figuram nas listas de carregamentos para os campos de prisioneiros de guerra e civis em diversos países, como será visto mais adiante.

Além de contribuir com os prisioneiros de guerra, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha expandiu os serviços de socorro às populações civis, principalmente para as mulheres e crianças, enviando ajuda para países como França, Grécia, Eritreia, Ilhas da Mancha etc. Para alguns dos países, havia Comitês voltados ao socorro das vítimas da guerra, como o Comitê Britânico, Belga, Hebreu, Holandês, Polonês, Suíço, Tcheco, Norte-americano e Iugoslavo. No entanto, há uma escassez significativa de informações a respeito desses comitês<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> ATIVIDADE de Socorro do Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Revista da Cruz Vermelha Brasileira, p. 18-20, jul. 1943, vol.1. p. 19.

<sup>10</sup> ATIVIDADE de Socorro do Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Revista da Cruz Vermelha Brasileira, p. 18-20, jul. 1943, vol.1. p. 19.

<sup>11</sup> No Brasil, havia 21 Comitês, os quais ficavam submetidos à Comissão Central de Socorros às Vítimas da Guerra, que deveria orientar “as atividades dos comitês estrangeiros acreditados no Brasil pelo Órgão Central da Cruz Vermelha Brasileira”. Eram eles: 1) Comitê Polonês de Socorro às Vítimas da Guerra; 2) Comitê Britânico de Socorro às Vítimas da Guerra 3) Comitê de Socorro aos Soldados Tchechoslovacos Vítimas da Guerra; 4) Comitê Francês de Socorro às Vítimas da Guerra; 5) Comitê de Socorros às Vítimas da Guerra na Noruega; 6) Comitê de Socorros às Vítimas da Guerra na Holanda; 7) Comitê de Socorros às Vítimas da Guerra na Suíça; 8) Comitê da Obra da Fraternidade da Mulher Brasileira; 9) Comitê Belga de Socorro às Vítimas da Guerra; 10) Comitê Helênico de Socorro às Vítimas da Guerra; 11) Centro Hebreu Brasileiro de Socorro aos Israelitas Vítimas da Guerra; 12) Comissão Organizadora pelo Exército da Salvação para Auxílio às Crianças Vítimas da Guerra; 13) Comissão Scandinava de Socorros às Vítimas da Guerra;

## A Cruz Vermelha Brasileira e os Comitês de Socorro às Vítimas de Guerra

No decorrer da Segunda Guerra Mundial, os Comitês étnicos que atuaram no Brasil estavam necessariamente vinculados à Cruz Vermelha Brasileira, o que era uma vantagem, já que esse vínculo facultava o uso da estrutura física da organização, bem como das suas redes. Por intermédio da fundação de Subcomitês, principalmente nos estados brasileiros onde havia a presença de grupos étnicos, como poloneses, italianos e alemães, buscava-se ampliar em escala nacional a arrecadação de fundos e mantimentos.

O Comitê de Socorro às Vítimas da Guerra na Polônia foi o mais atuante. A instituição foi fundada em 9 de setembro de 1939, com o objetivo de socorrer os refugiados e os prisioneiros de guerra, a população civil na Polônia, às viúvas e órfãos, e as famílias polonesas no Brasil que se encontravam sem recursos. Por exemplo, o referido Comitê Polonês angariou donativos e, entre os meses de setembro e dezembro de 1939, arrecadou Cr\$ 507.773,70 em dinheiro e Cr\$ 341.501,10 em mercadorias, totalizando Cr\$ 849.274,80. Deste valor total, o Comitê remeteu, por intermédio do *Comitê Central Polonais d'Aide aux Victimes de Guerre*, em Paris, e do *Comitê Internacional de La Croix Rouge*, em Genebra, o total de Cr\$ 528.976,10, para os prisioneiros de guerra e refugiados.

No período em estudo, o Comitê Polonês arrecadou em dinheiro, donativos, mercadorias e fretes, de 9 de setembro de 1939 até 30 de junho de 1943, o valor total de Cr\$ 1.528.731,90. No país, contava com quatro Subcomitês: Petrópolis, que arrecadou Cr\$ 29.028,00; São Paulo, com Cr\$ 146.628,20; Paraná, com Cr\$ 262.803,70; e Rio Grande do Sul, com Cr\$ 145.519,50. Já o valor total arrecadado nos quase 4 anos foi de Cr\$ 2.112.711,30. Parte deste valor, Cr\$ 175.935,40, foi encaminhado para outros Comitês Poloneses, sediados na França, Suíça e Hungria. Esses recursos foram alocados no socorro aos refugiados poloneses que “se achavam na França, Bélgica, Itália e Holanda”<sup>12</sup> e que foram obrigados a se deslocar novamente e se dirigiram para os países ibéricos, de onde “afluíram em grande massa para o Brasil”<sup>13</sup>. Assim, o Comitê

14) Comitê Iugoslavo de Socorro às Vítimas da Guerra; 15) Comitê de Socorros às Vítimas da Guerra na Lituânia; 16) Comitê U.S.A. de Socorros às Vítimas da Guerra; 17) Comitê Sírio Libanês de Socorros às Vítimas da Guerra; 18) Comitê Russo de Socorros às Vítimas da Guerra; 19) Delegado da Cruz Vermelha Polonesa no Brasil; 20) Comitê Escudo Vermelho de David para de Socorro às Vítimas da Guerra na Palestina; 21) Comitê Brasileiro de Auxílio à União Internacional de Socorros às Crianças. (COMISSÃO Central de Socorros às Vítimas da Guerra. Revista da Cruz Vermelha Brasileira, p.40, jul. 1943, vol.1. p. 40).

<sup>12</sup> COMITÊ DE SOCORRO às Vítimas da Guerra na Polônia Revista da Cruz Vermelha Brasileira, p. 10-12, out. 1943, vol. 4, p. 10.

<sup>13</sup> COMITÊ DE SOCORRO às Vítimas da Guerra na Polônia Revista da Cruz Vermelha Brasileira, p. 10-12, out. 1943, vol. 4, p. 11.

Polonês organizou campanhas para auxiliar os refugiados. É destacada uma doação generosa de uma “distinta Senhora, cujo nome, por ordem sua não declinamos, abriu o Comitê a ‘Casa do Refugiado Polonês’, onde foram abrigados logo de início 60 a 80 pessoas de ambos os sexos”. Dentre os 2.000 poloneses que chegaram ao Brasil até aquele momento, 234, isto é, 11,74% vieram com o auxílio do Comitê, o restante possuía “maiores ou menores recursos para sua subsistência”. A assistência para a emigração para o Brasil por parte do Comitê Polonês foi concedida prioritariamente aos imigrantes que enfrentavam restrições de recursos financeiros, uma medida justificada pelo fato de que o Comitê não dispunha de “largos fundos”. A evolução da condição socioeconômica dos refugiados foi evidenciada pelo retorno dos empréstimos concedidos pelo Comitê, que alcançaram o montante de Cr\$ 194.500,50 até 30 de junho de 1943<sup>14</sup>.

O fluxo de doações que circulava entre os continentes, em escala macro, passava pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV). Observando essa circulação de donativos no microscópio, percebe-se que as articulações eram transnacionais, envolvendo uma extensa rede de sujeitos e instituições. Por exemplo, em 1942, o CICV, em Genebra, enviou para o Comitê Polonês uma grande quantidade de etiquetas para “colis” individuais – remessa postal internacional de pequenas encomendas. O recebimento das etiquetas refletiu de imediato no envio de remessas: até então, as senhoras do Comitê Polonês se reuniam às quintas-feiras, mas com essa possibilidade e a expansão das encomendas, as mulheres passaram a se reunir diariamente na sede do Comitê, para preparar os “colis”. “Até 30 de junho de 1942, o Comitê enviara ‘colis’ individuais, para poloneses prisioneiros de guerra, na Alemanha, no valor de Cr\$ 142.617,00. O Comitê recebe, continuamente, dos próprios prisioneiros confirmação do recebimento das remessas”<sup>15</sup>.

A rede de arrecadação de doações extrapolava o Comitê, chamando a sociedade a contribuir. Nessa perspectiva, o Comitê Polonês promoveu eventos sociais, como o show artístico no Copacabana Palace, em 26 de novembro de 1943, o qual atraiu um “grande número das mais distintas figuras da sociedade carioca, em benefício exclusivo das crianças polonesas, sobre as quais tem recaído os maiores terrores desta guerra”<sup>16</sup>. Situação similar ocorreu no Comitê

<sup>14</sup> COMITÊ DE SOCORRO às Vítimas da Guerra na Polônia. Revista da Cruz Vermelha Brasileira, p. 10-12, out. 1943, vol. 4, p. 11.

<sup>15</sup> COMITÊ DE SOCORRO às Vítimas da Guerra na Polônia. Revista da Cruz Vermelha Brasileira, p. 10-12, out. 1943, vol. 4, p. 11.

<sup>16</sup> EM BENEFÍCIO das crianças polonesas. Revista da Cruz Vermelha Brasileira, p. 20, nov. 1943, vol.5, p. 20.

Belga, onde a presidente, Elza Van Laecken e demais senhoras do comitê, organizaram a quermesse anual com o patrocínio da Embaixatriz da Bélgica<sup>17</sup>.

Os comitês revelam a concatenação entre caridade e prestígio social: as “senhoras da caridade”, na maioria, pertenciam à elite financeira, bem como aqueles que frequentavam seus eventos sociais. Entretanto, não se trata apenas de contribuição financeira. Para Medeiros, analisando as doações para a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, o ato de doar é muito mais complexo e amplo, pois

se configuravam como a satisfação da necessidade espiritual e religiosa da sociedade em conservar e sustentar tal instituição, como um voto de fé e confiança naquilo que ela representava, mas também da própria confraria como fiel depositária e administradora de obras pias, o que conferia a toda estrutura filantrópica e a seus representantes um lugar de honra na sociedade, um prestígio político e, portanto, poder<sup>18</sup>.

Contribuir para uma obra caritativa da Cruz Vermelha ou dos Comitês revertia em status social ao indivíduo. As doações para a Europa configuravam uma forma de reforçar o prestígio do beneficente, isto é, reforçava uma posição de destaque perante a comunidade<sup>19</sup>. Sendo assim, estas ações eram uma eficiente estratégia para manter o status social, e as ações filantrópicas eram uma consequência, ou seja, “um dever de todos os que eram caracterizados por um prestígio social para com os desprotegidos e necessitados”<sup>20</sup>. É nesta dualidade Brasil e Europa, entre os sujeitos que realizavam doações para a coletividade e “miseráveis” – como assim se definiam alguns –, que os privilegiados mantinham a ordem social através da beneficência.

## O Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra

Outro comitê étnico que atuou durante a Segunda Guerra Mundial foi o Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, foco deste estudo. Mensalmente, o Comitê encaminhava circulares aos subcomitês estaduais

<sup>17</sup> KERMESE Belga. Revista da Cruz Vermelha Brasileira, p. 24, dez. 1943, vol.6, p. 24.

<sup>18</sup> MEDEIROS, Zigaró Homem de. A mudança no discurso assistencial vigente na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (1898-1919). In: Centro Histórico-Cultural Santa Casa. *Santa Casa de Porto Alegre: histórias reveladas II*. Porto Alegre: Evangraf, 2011. p. 63.

<sup>19</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70, 2021.

<sup>20</sup> SANTOS, Cláudia. “Dar a quem precisa” – o significado da caridade para a elite micaelense oitocentista o exemplo da casa Fonte Bela. *Arquipélago - História*, 2ª série, V (2001), p. 203.

contendo informações sobre os carregamentos de mantimentos, a arrecadação de dinheiro e donativos, bem como os produtos de maior necessidade e aqueles cujo envio era proibido. Também publicava cartas de prisioneiros de guerra agradecendo pelas doações. Uma das primeiras circulares foi encaminhada em 5 de abril de 1941, informando que, entre dezembro de 1940 e março de 1941, foram enviadas 36 caixas ao Canadá, no valor de 51:000\$000 (cinquenta e um contos de réis), contendo:

48 ternos, 80 lençóis, 42 casacos, 142 capas de lã, 4.500 cigarros, 7.000 charutos, 171 cobertores de lã, 171 blusas de camisa, 203 camisas, 318 toalhas, 48 calças, 6 camisolas, 180 travesseiros, 185 pijamas, 262 suéteres de lã, 303 pares de chinelos, 612 pares de meias, 156 camisetas, 99 kg de sabonete, 8 coletes de malha, 120 pastas de dente, 6 kg de tabaco<sup>21</sup>.

Já aos Bonaire holandeses, no mar do Caribe, foram enviadas 5 caixas, no valor de Rs. 6:500\$000, com

170 cuecas, 72 camisetas, 168 cintos, 18 pijamas, 12 sungas, 124 camisas, 72 meias, sabonete: 36 peças e 20kg, 4 óculos escuros, 36 peças de roupas de cama, 12 jogos de cama, 44 travesseiros, 5 cobertores, 36 calças, 48 cachimbos, 24 pastas de dente, 79 escovas de dente, 24 sabonetes de barbear, 54 toalhas, 24 latas de leite, 13kg de chocolate em pó, 13kg de café, 178 chapéus de palha, 11 baralhos de cartas, 2 gaitas, 24 linhas de costura e cerzido, 24 pares de chinelo, 3.000 charutos, 6.500 cigarros, 10 kg de tabaco<sup>22</sup>.

Se comparar ambos os carregamentos, percebe-se de início a diferença de 31 caixas a mais enviadas ao Canadá, com o valor de Rs. 44:500\$000 de diferença, sendo que cada caixa teve o custo de Rs. 1:416\$000 para o Canadá e Rs. 1:300\$000 para Bonaire, nos Países Baixos. Outra diferença é a diversificação do conteúdo das caixas ao Canadá em comparação à Bonaire, sendo que a primeira continha quase que exclusivamente vestimentas, roupas de cama, produtos de higiene pessoal e tabaco, em contrapartida, as 5 caixas para Bonaire continham uma diversidade maior, como alimentos – chocolate em pó e café –, itens de descontração – baralho de cartas e gaita –, além de

<sup>21</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 05/04/1941. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>22</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 05/04/1941. p. 1. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

4kg a mais de tabaco e cigarros. Além destes carregamentos, começaram a ser enviados a partir de março de 1941, pacotes individuais de 500 gramas, que continham “tabaco e produtos de higiene pessoal”. A circular instruía que aqueles que desejassem enviar um pacote particular, deveriam escrever o endereço do destinatário e marcar a embalagem com “Franchise Postale Prisonnier de Guerre”, que poderiam ser postadas gratuitamente nos correios sem apresentar qualquer documento.

Um indício da situação psicológica decorrente da guerra é a grande quantidade de cigarros e tabaco presente nos carregamentos, gêneros que, à primeira vista, não são necessários. No entanto, conforme consta nos próprios pedidos individuais, o tabaco era essencial para suportar as agruras da guerra. Mais do que isso, ele era usado no mercado informal, onde era trocado por alimentos e suprimentos essenciais para a sobrevivência. A fome e a carestia foram alguns dos principais problemas enfrentados pela Alemanha no pós-guerra. Mesmo trabalhando, muitas famílias não conseguiam suprir suas necessidades básicas de nutrição, devido ao elevado preço ou à indisponibilidade de alimentos. Para contornar a fome, uma das estratégias era comprar no mercado informal, que se tornou essencial na luta diária de uma população faminta pela sobrevivência nas ruínas das cidades. Uma das moedas de troca utilizadas no escambo era o cigarro. Por esse motivo, as organizações humanitárias estrangeiras estavam proibidas de enviá-lo nos pacotes remetidos à Alemanha, independentemente de serem para familiares ou não.

A circular ainda informava sobre um leilão de souvenirs de guerra realizado pelos marinheiros do vapor “Lech”, liderados pelo capitão Brinkmann, no Clube Esportivo “Germania”, que arrecadou Rs. 2:5000\$000, e que foram transferidos ao Comitê de Socorro às Vítimas de Guerra na Alemanha<sup>23</sup>. Por fim, transmite a mensagem da Cruz Vermelha Alemã, em Berlim, onde informava que a Companhia de Radiodifusão do Reich [*Reichsrundfunk-Gesellschaft*] enviava saudações e mensagens de parentes do Brasil para a África ou para a Índia Holandesa, “como parte do programa ‘Saudações da Pátria’ [*“Die Heimat grüsst”*]”<sup>24</sup>.

Já na circular de 16 de junho de 1941, assinada pela presidente Margherita Schlimpert, é informado que desde 5 de abril de 1941 (data da última circular), foram enviadas 7 caixas contendo pacotes com roupas e alimentos para

<sup>23</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 05/04/1941. p. 2 Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>24</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 05/04/1941. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

a Jamaica, que “alegrou os internados e, segundo ouvimos, representou para eles um dia de festa, inclusive realizaram um pequeno sorteio com alguns brindes”<sup>25</sup>. Novamente para Bonaire foram enviadas 8 caixas, sendo 3 delas de alimentos, as outras 5 caixas continham “roupas de cama, trajes de banho, óculos, mantas de lã, camisas, calças, toalhas, cintos, travesseiros, pijamas, chinelos de feno, meias, acessórios, produtos de higiene, remédios, produtos de tabaco e cachimbos”. O conteúdo deste carregamento em relação ao envio anterior deteve-se mais a vestimentas e produtos de higiene pessoal, além de remédios. O chefe do campo dos internados escreveu uma carta agradecendo pelas caixas.

Em nome das mulheres, homens e crianças alemãs internados, tomo a liberdade de expressar os nossos sinceros agradecimentos pelos pacotes recebidos. A cuidadosa organização da valiosa remessa despertou a nossa maior admiração, e posso informar que as roupas, os alimentos e o tabaco são de grande ajuda aos internados e ao mesmo tempo nos trazem uma alegria especial. Peço-lhe gentilmente que aceite nossos profundos e sinceros agradecimentos e os transmita aos gentis doadores no Brasil<sup>26</sup>.

Além do carregamento de caixas, o Comitê também repassava doações monetárias, sendo que uma delas foi efetivada por intermédio da Cruz Vermelha Islandesa à tripulação dos navios “Hamburg-Süd” e “Bahia Blanca”, internada na Inglaterra. O líder do acampamento também enviou uma carta ao Comitê Central, na qual agradeceu a doação de 260 dólares via Cruz Vermelha Britânica e que foram distribuídos para 17 marinheiros, que por sua vez, voluntariamente redistribuíram este valor em pequenas quantidades para outros 70 prisioneiros, gesto que seria “aplaudido pelos doadores”.

O acampamento de marinheiros alemães na Grã-Bretanha vive como uma comunidade de navios longe de casa. Todos os marinheiros estão aguardando com confiança e bom humor a conclusão iminente dessa longa viagem. Todos nós esperamos que em breve possamos retomar nossas viagens para o belo Rio de Janeiro com novos navios alemães<sup>27</sup>.

<sup>25</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 16/06/1941. p. 1. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>26</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 16/06/1941. p. 1. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>27</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 16/06/1941. p. 1-2. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

No mesmo período, foram enviadas 30 caixas para a África do Sul contendo

ternos, roupas de cama, curativos, remédios, tabaco e cachimbos, cobertores de lã, camisas e blusas, toalhas, baralho de cartas, protetores de cabeças, casacos, camisolas, aquecedores de pulso, pijamas, chinelos, suéteres, sapatos, meias, materiais de costura e cerzido, produtos de higiene pessoal, xales, chapéus, jogos, gravatas, roupas íntimas masculinas, café e chocolate em pó<sup>28</sup>.

Outras 17 caixas foram enviadas para Paramaribo, capital do Suriname, sendo 6 caixas de alimentos, 1 caixa de tabaco e cachimbos e 10 caixas com “artigos de vestuário para crianças, roupas de cama, curativos, esparadrapos, algodão em rama, óculos escuros, materiais de escrita, chinelos, camisas, calças, toalhas, travesseiros, jogos de cartas, gaitas, equipamentos de costura, pijamas, suéteres, sapatos, meias e ligas, produtos de higiene pessoal, chapéus de palha, roupas íntimas masculina e feminina”, além de 130 pacotes privados de 500 gramas com produtos de higiene, tabaco e jogos. Em gratidão aos carregamentos enviados aos campos de internados citados, a “Cruz Vermelha Alemã, em Berlim, contribuiu para aliviar o sofrimento das pessoas afetadas pela catástrofe das enchentes no Rio Grande do Sul, doando a quantia de 50 milhões de dólares”<sup>29</sup> – referindo-se aqui à enchente de 1941.

A circular de 2 de agosto de 1941 inicia expressando o agradecimento das autoridades de Berlim, incluindo o Embaixador da Alemanha, Dr. Curt Max Prüfer, pelo trabalho desempenhado pelo Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra e os doadores. É mencionado a organização de um chá promocional realizado no dia 10 de julho de 1941, no Clube Germânia, com a publicação de uma nota no jornal *Deutsche Morgen*<sup>30</sup>, no dia 17 de julho de 1941. Em anexo à circular, constava uma extensa carta enviada pelo líder do campo de internamento alemão Nº 2, Victoria-Austrália, Professor Erler, descrevendo o quão necessária era a ajuda enviada pela Cruz Vermelha Brasileira aos campos de internados.

<sup>28</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 16/06/1941. p. 2. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>29</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 16/06/1941. p. 2. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>30</sup> O jornal *Deutsche Morgen* publicado em São Paulo, pela editora de mesmo nome e “a partir de 1934, tornou-se órgão oficial da seção que coordenava as atividades do Partido Nazista em todo o Brasil (NSDAP-Landesgruppe Brasilien) dirigida por H. von Cossel” (Grützmann, 2005, p. 6).

Através das mensagens do camarada Kuhlmann, inspetor de rádio a bordo do D. “Cap. Norte”, soube que nosso acampamento deve a você e aos alemães amigos uma generosa doação. Por meio da mediação da Cruz Vermelha Brasileira e local, essa doação foi encaminhada ao nosso acampamento, o comando nos entregou há cerca de quinze dias. Como não sei os endereços dos círculos envolvidos na doação, educadamente peço para que transmita a eles, bem como à Cruz Vermelha e aos meus camaradas os meus sinceros agradecimentos pelos presentes excepcionalmente bem-vindos<sup>31</sup>.

O Professor Erler ressaltava em sua escrita o quanto o campo de internados no qual estava necessitava de mais ajuda, em comparação a outros. Os marinheiros, que constituíam quase metade dos 215 internados, já haviam perdido a maioria de seus pertences quando seus navios naufragaram.

Quase todos os internados aqui no campo perderam tudo o que ainda tinham de roupas etc. quando nosso primeiro navio de transporte foi torpedeado. Os demais internados aqui, que não pertencem a esses dois grupos, também perderam quase tudo devido a circunstâncias infelizes<sup>32</sup>.

O remetente informava ainda que a maioria dos internados havia recebido um pequeno valor de apoio financeiro da Alemanha. A circular complementava com a informação de que a Cruz Vermelha Australiana “confirma o recebimento da remessa mencionada pelo Prof. Erler e afirma que os presentes chegaram em perfeitas condições”. Na segunda página do comunicado ainda há mais uma carta de agradecimento, desta vez de H. Licht, líder do acampamento alemão da ilha de Bonaire, próxima a Curaçao. Na carta, agradecia as três caixas recebidas no dia 31 de março de 1941, entregues pela Cruz Vermelha Holandesa. Também transmitia os agradecimentos mais calorosos de “homens, mulheres e crianças internadas e, pode acreditar de que a vossa generosa doação será inesquecível”<sup>33</sup>. A circular ainda informou que as campanhas e doações realizadas pelo Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra foram homenageadas através da publicação de um artigo no volume

<sup>31</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 16/06/1941. p. 1. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>32</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 16/06/1941. p. 1. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>33</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 16/06/1941. p. 2. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

5 do Anuário da Cruz Vermelha Alemã, edição de abril/maio de 1941, com o título “Os alemães ultramarinos também estão ajudando” [“*Auch die Deutschen in Übersee helfen mit*”], de autoria de Hermann Lex.

O artigo de autoria de Hermann Lex inicia mencionando a união de todos os alemães além das fronteiras através da Cruz Vermelha Alemã<sup>34</sup>, pois estes queriam “participar nas suas tarefas de guerra”<sup>35</sup>. O autor dá a entender que todos os alemães – inclusive os alemães no exterior – deveriam participar da guerra de alguma forma, pois o envio de caixas de assistência era um serviço que encantava pela sua “originalidade e naturalidade”. Conforme Lex, no início os carregamentos eram destinados à Alemanha, sendo parcialmente distribuídos para os prisioneiros de guerra e civis internados na França, mas seria melhor que “fossem enviados diretamente aos alemães internados nos vários países por mar. Isso foi especialmente verdadeiro depois que os prisioneiros de guerra alemães e civis foram levados da Inglaterra para o Canadá e precisavam urgentemente de tais cuidados”<sup>36</sup>.

No artigo, Lex destacava o engajamento de mulheres alemãs no trabalho do Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, as quais se mobilizaram para “longe de casa, ajudar, na medida do possível, à pátria alemã e os seus filhos feridos e prisioneiros de guerra”<sup>37</sup>. O Comitê Alemão foi fundado no Rio de Janeiro, mas, com o crescente número de voluntários e funcionários, o Comitê se expandiu- para além da cidade e do estado e, “em pouquíssimo tempo, foram abertas filiais em quase todos os estados brasileiros”. Através do Comitê e dos Subcomitês eram organizados concertos e sessões de teatro, nos clubes esportivos e assentamentos alemães no interior do país, como as antigas Colônias formadas pela ocupação de imigrantes e descendentes de alemães, as comunidades esportivas doavam “regularmente valores provenientes de rifas e prêmios à Cruz Vermelha Alemã”. Ainda no caso das Colônias, caso não houvesse dinheiro, as pessoas ficavam “felizes em sacrificar um saco

<sup>34</sup> Em várias circulares e correspondências, o Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra é chamado de Cruz Vermelha Alemã, acreditamos que este nome seja referente a cooperação entre o Comitê e a Cruz Vermelha, não se tratando propriamente da organização alemã. Isso é corroborado quando Hermann Lex, ao falar sobre a fundação da “Cruz Vermelha Alemã”, informa que ela foi “criada no Rio de Janeiro”, ou seja, não se referia a própria Cruz Vermelha da Alemanha, mas sim ao Comitê Central.

<sup>35</sup> LEX, Hermann. *Auch die Deutschen in Übersee helfen mit*. In: *Jahrbuch des Deutschen Roten Kreuzes*. 1941. p. 218.

<sup>36</sup> LEX, Hermann. *Auch die Deutschen in Übersee helfen mit*. In: *Jahrbuch des Deutschen Roten Kreuzes*. 1941. p. 218.

<sup>37</sup> LEX, Hermann. *Auch die Deutschen in Übersee helfen mit*. In: *Jahrbuch des Deutschen Roten Kreuzes*. 1941. p. 218.

de milho ou outros produtos locais. A alegria estimulante de poder ajudar e querer ajudar é mostrada aqui sob a mais bela luz”.

Outro ponto destacado por Lex refere-se ao trabalho cooperativo entre os alemães e os “homens sensíveis à Alemanha, que seguiram alegremente o chamado para cooperar”. Pontua que este vínculo amigável é demonstrado pelo fato de que “os brasileiros também gostam de doar, pois sabem que deve ser uma boa causa que o grande Império Alemão apoia”. Não é mencionada qualquer dificuldade ou cooperação do Comitê Alemão junto aos órgãos estaduais e federais, apenas que as autoridades brasileiras demonstravam “grande compreensão pelo trabalho da Cruz Vermelha Alemã, que tem sido comprovado muitas vezes no contato com elas, tanto na capital como em outros locais do país” (Lex, 1941. p. 219).

Os carregamentos de mantimentos, em caixotes de 100 quilos, eram embalados e marcados com o símbolo da Cruz Vermelha, e enviados em navios para a África do Sul, Jamaica, Guiana Holandesa, Canadá e Austrália. Cada carregamento deveria levar em consideração o clima do campo de internados de destino, especialmente quando se tratava de roupas. Além do envio de doações, eram realizadas no Rio de Janeiro “pesquisas sobre pessoas desaparecidas e a localização de presos de guerra e civis, a fim de conectá-los com seus familiares. A Cruz Vermelha Brasileira coloca-se ativamente à disposição das mulheres alemãs com seu aparato para isso, o que muitas vezes é difícil em casos individuais” (Lex, 1941. p. 220).

O protagonismo e proatividade das mulheres alemãs foi destacado ao longo de todo o artigo de Hermann Lex. Afirma que em uma “competição nobre”, as alemãs do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre trabalhavam para o “objetivo comum de ajudar a pátria alemã a alcançar a vitória”. Para dar conta da demanda, reuniam-se semanalmente à noite para tricotar e costurar, e nestes momentos, também se faziam presentes as “mulheres brasileiras que colocam suas habilidades artesanais a serviço da Cruz Vermelha. Não é preciso dizer que os italianos também trabalham em estreita amizade com os brasileiros e alemães” (Lex, 1941. p. 221).

O artigo de Hermann Lex destaca o trabalho desempenhado pelos alemães “ultramarinos” através do Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, como uma espécie de reconhecimento dos próprios alemães pela ajuda prestada/recebida. Uma mobilização étnica, permitida de funcionar até então, cujos objetivos eram auxiliar aos compatriotas alemães, fossem soldados ou civis prisioneiros. Note-se que o autor sublinha a cooperação entre alemães

e brasileiros, estes últimos, “sensíveis à Alemanha”, ajudando e apoiando os objetivos da nação. Enfim, o artigo permite mapear o cenário como um todo, os envolvidos e as representações em circulação, mantendo o foco nas vítimas da guerra, sem assumir uma posição política explícita.

Outra circular do Comitê, de 1º de setembro de 1941, trouxe as orientações gerais de envio de pacotes privados de 500 gramas. Para os campos de internamento da África do Sul, Austrália, Canadá, Jamaica, Índia Holandesa e Paramaribo (Guiana Holandesa) eram permitidos os seguintes itens: artigos de higiene pessoal, produtos de tabaco, chocolate, linhas de costura, lenços, meias, chá e livros ingleses; eram proibidos: todos os objetos pontiagudos como canetas, navalhas, lâminas de barbear, lápis, papel para revistas, penas, além de bebidas, itens inflamáveis e mapas; além disso, era proibido enviar medicamentos para a Austrália. Para a Bonaire eram permitidos: lenços, pasta de dente, livros odontológicos, livros de viagens, romances, livros didáticos publicados antes de 1933; era proibido enviar: comida, álcool, bebidas, papel para escrever, livros de música, cartões postais, cartas de baralho, lápis, porta-canetas, itens inflamáveis, canivetes, tesouras, mapas, cigarros, charutos, papel para cigarro, pontas de cigarro, tabaco e sabonete. Os pacotes não poderiam exceder 490 gramas, e era recomendado que os charutos fossem embalados em capas de alumínio para que não absorvessem nenhum cheiro, como do sabão, por exemplo. Os pacotes deveriam ser endereçados com nome, endereço e número, além de serem marcados como “*Prisonnier de guerre, franchise postale*”, desta forma seriam isentos de cobrança<sup>38</sup>.

Na circular de 4 de outubro de 1941, são reforçadas as mesmas orientações, aplicadas no envio de pacotes privados de 500 gramas para prisioneiros de guerra e civis internados. No verso da circular constava uma tabela mais trabalhada com as informações dos campos de internados de cada país, como: país, internados (homens, mulheres e/ou crianças), clima, itens permitidos e proibidos<sup>39</sup>, e disposições especiais ou comentários. Nota-se, de imediato, que os itens necessários e permitidos atendiam ao perfil do acampamento, uma vez que do total de 12, em 9 havia exclusivamente homens, e em apenas 3 havia mulheres e crianças, implicando em demandas mais variadas. A lacuna a preencher ainda se refere à procedência e destino desses internados, com exceção dos marinheiros, que são mencionados na documentação. E, o

<sup>38</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 16/06/1941. p. 1. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>39</sup> Na coluna “itens permitidos e proibidos” havia uma anotação geral “Sobre coisas permitidas e proibidas, consulte a primeira página”, desta forma, optamos por retirá-la da tabela.

conflito em escala global, que refletiu em locais afastados dos campos de batalha, mobilizando organizações civis no atendimento de suas necessidades.

**Tabela 1** - Informações campos de internados

ACAMPAMENTO	INTERNADOS	CLIMA	DISPOSIÇÕES GERAIS E COMENTÁRIOS
Andaluzia África do Sul	Homens	Dias quentes Noites frias	Desejado: Roupas e roupas íntimas
Baviaansport perto de Pretória África do Sul	Homens	Dias quentes Noites frias	Desejado: Roupas e roupas íntimas
Tanganica perto de Salisbury Rodésia do Sul África	Mulheres e crianças	Clima tropical temperado e saudável. Inverno: frio à noite	Muito bem-vindo: Roupa de cama, itens de higiene pessoal toalhas. Os internados não recebem dinheiro.
Salisbury 5 ½ km. de Salisbury a Rodésia do Sul África	Famílias e várias mulheres solteiras	Clima tropical temperado e saudável. Inverno: frio à noite	Muito bem-vindo: Roupa de cama, itens de higiene pessoal toalhas. Os internados não recebem dinheiro.
Tatura Victoria Austrália	Homens	Verão quente. Inverno frio. Sem neve, com muita neblina.	Proibidos: Medicamentos, bandagens, biscoitos.
Bonaire Caribe Mar.	Homens	Clima tropical	Proibidos: Jogos de cartas, biscoitos, papel de cigarro.
Canadá	Homens	Inverno rigoroso Verão curto e quente	Desejável para todos os campos: roupas íntimas quentes, roupas grandes. Camisas brancas ou azuis claras.

*Continua*

Continua

ACAMPAMENTO	INTERNADOS	CLIMA	DISPOSIÇÕES GERAIS E COMENTÁRIOS
Campo F.	Homens	Inverno rigoroso Verão curto e quente	Proibido: Charutos, cigarros  Permitido: tabaco, cachimbos.
Campo Q.	Homens	Inverno rigoroso Verão curto e quente	Proibido: Pulôveres de lã
Inglaterra	Homens	Clima frio e úmido	Desejado: coisas quentes
Jamaica	Homens	Clima subtropical	Desejado: Roupa íntima
Paramaribo Países Baixos Campo de Internamento da Guiana Coppieweg	Homens Mulheres Crianças	Clima tropical	O endereço não deve ser preenchido como: <i>Prisonnier de guerre</i> , mas sim: <i>German Internee</i>

**Fonte:** Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 16/06/1941. p. 2. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

Ao comparar as circulares de 5 de abril, 1º de setembro e 4 de outubro, em particular o caso de Bonaire, é possível perceber quais itens passaram a ser proibidos e/ou permitidos ao longo dos meses de 1941. Enquanto em 5 de abril foram enviados 11 baralhos de cartas, a partir de 1º de setembro esse item passou à lista de ; o mesmo ocorreu com as comidas e bebidas, pois em 5 de abril foram enviados 24 latas de leite, 13kg de chocolate em pó e 13kg de café, e foram proibidos em 1º de setembro, porém, a circular de 4 de outubro não faz menção à proibição destes itens, apenas de biscoitos; não há como afirmar que estes itens passaram a ser permitidos a partir desta data. Situação similar acontece com os cigarros, charutos e tabaco, permitidos em 5 de abril, proibidos em 1º de setembro e, em 4 de outubro, apenas o papel de cigarro está proibido. Todavia, não é possível afirmar que os itens proibidos em 1º de setembro passaram a ser permitidos em 4 de outubro, como o caso dos livros

de música e itens pontiagudos (canetas, lápis, canivetes, tesouras etc.). Ainda assim, podemos observar a partir desta análise, as demandas e a alternância das permissões de itens específicos nos carregamentos de doações do Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra para Bonaire.

Por sua vez, a circular de 20 de outubro de 1941 relatava o recebimento de diversas cartas, endossando a importância e necessidade do trabalho desempenhado pelo Comitê Alemão, embora tenha enfrentado dificuldades no envio dos carregamentos durante os meses de junho a setembro, em razão “à questão do espaço marítimo”<sup>40</sup>. Mesmo assim, foram enviadas, ao final de agosto, 40 caixas para a Austrália com pacotes reunidos em todas as filiais. As transferências monetárias foram uma alternativa adotada devido a “dificuldade do espaço de transporte”, sendo assim, foram realizadas transferências “para a tripulação do Lech, na Inglaterra, e fizemos o mesmo para as tripulações de outros navios alemães em situação semelhante”; as doações em dinheiro foram feitas tanto por pessoas quanto por empresas, que disponibilizaram “quantias significativas, pelas quais gostaríamos de agradecer sinceramente em nome dos atenciosos internados”.

Nesse contexto, a transferência monetária passou a ser adotada como alternativa frente às dificuldades do transporte marítimo. O relatório de 1º de dezembro de 1941, anunciava a chegada e distribuição de 62 caixas com presentes para os campos de internados no Canadá, outras 46 para à África do Sul, uma transferência de uma “grande quantia de dinheiro” para a tripulação do “Hermes” internada na Inglaterra, resultado de uma campanha específica para esse fim. As transferências, como é informado na circular, foram “enormemente” expandidas para os prisioneiros de guerra e civis internados, através “da Cruz Vermelha Internacional, em Genebra, e estamos agora cuidando dos campos na África do Sul, na Austrália e, se possível, na Guiana Holandesa. A Cruz Vermelha Internacional, de Genebra, nos garantiu o pagamento aos destinatários, para que tenhamos a confiança necessária para fazer felizes aqueles de quem cuidamos no Natal”<sup>41</sup>. O trabalho do Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra e dos Subcomitês estaduais começou a passar por dificuldades, em virtude do rompimento das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha, em 28 de janeiro de 1942.

<sup>40</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 16/06/1941. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>41</sup> Kriegshilfswerk für das Deutsche Rote Kreuz, Rio de Janeiro, 16/06/1941. p. 2. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

## O cenário muda: o fim do Comitê Alemão

Em 21 de janeiro de 1942, sete dias antes do rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha, a Presidente do Comitê Central, Erika Schloemann, escreveu uma carta para o Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra de Porto Alegre agradecendo o trabalho desempenhado que atendia “plenamente às solicitações da Cruz Vermelha Alemã”. Com a dificuldade do transporte das doações aos prisioneiros e internados alemães, o “nosso almoxarifado na Cruz Vermelha Brasileira está tão cheio com os itens aqui armazenados que, infelizmente, temos que pedir a Porto Alegre que deixe as doações coletadas aí até nova ordem nossa”<sup>42</sup>. Nas entrelinhas, sobressai o empenho do Comitê na arrecadação de mantimentos e o lugar da beneficência destinada ao exterior na sociedade brasileira.

A partir de então, havia incertezas sobre a continuidade dos trabalhos do Comitê Alemão. Em 27 de fevereiro de 1942, um dia antes do rompimento das relações diplomáticas, o Subcomitê recebeu outra carta do Comitê Central, onde a Presidente, Erika Schloemann, e o Vice-presidente Tony Michahelles, informavam que

há poucos dias fomos notificados pela Cruz Vermelha Brasileira, que podemos continuar as nossas atividades no Brasil nas condições já conhecidas, isto é, que donativos em objetos de uso, roupas e dinheiro dados à Cruz Vermelha, só poderão ser empregados para aliviar a sorte dos internados e prisioneiros de guerra. As diretrizes detalhadas para a continuação do nosso trabalho, que nos serão fornecidas pela Cruz Vermelha Brasileiras, serão transmitidas para aí, logo que as recebermos<sup>43</sup>.

Em resposta à circular, datada de 8 de março de 1942, a Presidente do Subcomitê de Porto Alegre, Anna Rotermund<sup>44</sup>, acusou o recebimento e informou ao Comitê Central do Rio de Janeiro, que já havia entrado em contato com a presidente da Cruz Vermelha Brasileira, filial do Rio Grande do

<sup>42</sup> SCHLOEMANN, Erika. [Correspondência]. Destinatário: Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra. Rio de Janeiro, 21/01/1942. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>43</sup> SCHLOEMANN, Erika. [Correspondência]. Destinatário: Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra. Rio de Janeiro, 27/02/1942. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>44</sup> Anna Rotermund assumiu a presidência pois a presidente anterior, Helene Schnillenkamp havia retornado à Alemanha. Fonte: SUBCOMITÊ ALEMÃO DE SOCORRO ÀS VÍTIMAS DE GUERRA. [Correspondência]. Destinatário: Chefe de Polícia de Porto Alegre. Porto Alegre, 12/03/1942. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

Sul, Dona Laura Leitão de Carvalho, que informou que o espaço de trabalho do Subcomitê havia mudado para uma sala embaixo da Igreja Católica de São José, onde o “venerado capelão da paróquia de São José, Padre Hegelbach, disponibilizou-nos gratuitamente o quarto. Tivemos que deixar nosso local de trabalho anterior devido à sua dissolução ou mudança da Firma Lang”<sup>45</sup>. Possivelmente, a atuação de um Subcomitê de ajuda aos prisioneiros e internados alemães gerava comentários negativos junto à sociedade, podendo ser vista como uma organização de apoio aos nazistas<sup>46</sup>. Desta forma, o Subcomitê Alemão enviou um ofício ao Chefe da Polícia, no dia 12 de março de 1942, onde fazia um breve resumo da fundação do Subcomitê

subordinado ao Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra no Rio de Janeiro, se destinava a cooperar com o seu trabalho para aliviar a dor dos internados e prisioneiros de guerra alemães. O nosso Subcomitê que exercia as suas atividades com autorização da Cruz Vermelha Brasileira, conseguiu fazer no decorrer destes 2 ½ anos numerosas remessas em roupas, objetos de uso etc. para internados e prisioneiros de guerra alemães no exterior do país<sup>47</sup>.

Com o rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha, o Comitê Central consultou as autoridades se poderia continuar o trabalho que vinha desempenhando desde o final de 1939. Em anexo, havia uma cópia da circular de 27 de fevereiro de 1942, na qual demonstrava que o funcionamento do Subcomitê foi autorizado pela Cruz Vermelha Brasileira, tanto a nível nacional quanto estadual. Pelos indícios apontados

<sup>45</sup> ROTERMUND, Anna. [Correspondência]. Destinatário: Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra. Porto Alegre, 08/03/1942. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>46</sup> Em 1946, o jornal Paulistano publicou uma reportagem onde o Comitê Alemão era visto como uma organização “subordinada” ao Partido Nazista. A reportagem possivelmente referia-se à atuação do Comitê durante a guerra. Nela, trazia uma lista de nomes de possíveis espões do Partido Nazista: GEORGE HERMANN STOLTZ: - brasileiro, encontra-se detido desde 17 de novembro de o ano findo (1942), por força de suas atividades antibrasileiras, como membro de várias associações nazistas e contribuinte do Socorro de Inverno e do Comitê Alemão de Socorro às Vítimas da Guerra, organização essa subordinada ao núcleo central do Partido Nazista. Fonte: PAULISTANO, Luiz. Um decreto que oculta uma terrível verdade sob números inocentes: a devolução dos bens de brasileiros nas firmas liquidadas pelo Eixo; a história de Herm Stolt e Theodor Wille, antes, durante e depois da guerra; “brasileiros” que serviam a Hitler no Brasil; como se faziam as contribuições para o Partido Nazista e se colhiam os dados para a espionagem. Diário Carioca, ano 19, nº5.399, p.9, 27 de jan. 1946. p. 9.

<sup>47</sup> SUBCOMITÊ ALEMÃO DE SOCORRO ÀS VÍTIMAS DE GUERRA. [Correspondência]. Destinatário: Chefe de Polícia de Porto Alegre. Porto Alegre, 12/03/1942. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

nos documentos, o Subcomitê continuou arrecadando pacotes, uma vez que em carta de 14 de outubro de 1942, a presidente do Comitê Central do Rio de Janeiro enviou orientações para o envio de pacotes de 500 gramas.

- 1) As encomendas de 500g podem continuar sendo enviadas pelos correios, desde que não recusem;
- 2) Se os correios exigirem a postagem, ela deverá ser paga, tendo em vista a nova situação;
- 3) As encomendas devem ser enviadas exclusivamente por particulares, o Comitê de Ajuda ou a CVB não devem ser utilizadas em nenhuma circunstância;
- 4) Publicações em jornais ou outros avisos oficiais sobre os pacotes de 500g devem ser evitados a todo custo;
- 5) A redução temporária do número de pacotes de 500g a serem enviados é absolutamente necessária e deve ser abandonada imediatamente<sup>48</sup>.

Por fim, em 28 de dezembro de 1942, o Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra enviou um ofício ao Chefe da Seção de Ordem Política e Social da Repartição Central de Polícia de Porto Alegre, Dr. Plínio Brasil Milano, comunicando que “encerrou toda a sua atividade em prol das Vítimas de Guerra, a qual vinha até então sendo exercida dentro das normas da Lei existente e sob o controle da Cruz Vermelha Brasileira”<sup>49</sup>. Outra carta com teor semelhante, porém sem data, foi enviada à Presidente da Cruz Vermelha Brasileira, Filial do Rio Grande do Sul, Dona Odila Gay da Fonseca<sup>50</sup>, onde informava que o ordenamento do encerramento das atividades partiu do Ministério da Justiça. Ao final dos dois ofícios, esperava-se que futuramente o Comitê pudesse novamente trabalhar em favor dos prisioneiros e enfermos alemães. Em anexo ao ofício enviado à presidente da Filial, havia diversos documentos “os quais testemunhavam as diversas licenças, gentilmente concedidas até então ao referido Comitê”<sup>51</sup>. Dentre os documentos, há a menção

<sup>48</sup> ROTERMUND, Anna. [Correspondência]. Destinatário: Comitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra. Porto Alegre, 14/10/1942. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>49</sup> SUBCOMITÊ ALEMÃO DE SOCORRO ÀS VÍTIMAS DE GUERRA. [Correspondência]. Destinatário: Plínio Brasil Milano. Porto Alegre, 28/12/1942. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>50</sup> SUBCOMITÊ ALEMÃO DE SOCORRO ÀS VÍTIMAS DE GUERRA. [Correspondência]. Destinatário: Plínio Brasil Milano. Porto Alegre, 28/12/1942. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>51</sup> SUBCOMITÊ ALEMÃO DE SOCORRO ÀS VÍTIMAS DE GUERRA. [Correspondência]. Destinatário: Odila Gay da Fonseca. Porto Alegre, 28/12/1942. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

a ofícios enviados pelo Consulado da Espanha, já em 23 de março de 1942, para a Presidente do Subcomitê, Anna Rotermond, no qual o Cônsul, Federico Gabaldón, se colocava à “inteira disposição desse Subcomitê para cooperar em seus benéficos trabalhos enquanto de mim dependa”<sup>52</sup>.

Com o rompimento das relações diplomáticas entre ambos os países, a Alemanha precisou reorganizar-se e procurou “uma representação diplomática que atuasse no Brasil para interceder junto ao governo em favor dos seus cidadãos. Nesse caso, a diplomacia espanhola que atuava no Rio de Janeiro passou a representar os interesses do governo alemão”<sup>53</sup>. Desta forma, a presidente do então Subcomitê procurou o Consulado da Espanha em fevereiro de 1943, e colocou à disposição do Consulado 15 caixas contendo peças de roupas, que estavam depositadas no porão da Igreja São José. O motivo do ofício era devido ao fato de “organizações particulares terem já manifestado os seus interesses por estas caixas, os quais não estão de acordo com o fim que as mesmas se destinam”<sup>54</sup>. Quais eram os fins que se destinavam as 15 caixas de roupas? E por que não foram doadas para as organizações que procuraram o extinto Subcomitê? Em novo ofício de 25 de março de 1943, os “fins que se destinam” as caixas são explicados:

As roupas e peças de vestir, angariadas pela então Cruz Vermelha Alemã, foram doadas a fim de serem encaminhadas **para a Alemanha**. Devido a este compromisso assumido perante os doadores, não posso responsabilizar-me de que estes materiais sejam distribuídos **aqui** (em território afeto ao Consulado Espanhol, em Representação dos Interesses Alemães), pois, trata-se de Mudanças de Roupas para Hospitais Militares, assim como também de Roupas para Soldados e outros objetos para as famílias dos combatentes, sendo que todo este material foi confeccionado para este fim<sup>55</sup>.

O compromisso assumido pelo Subcomitê junto aos doadores é explicitado, além de reafirmar que o destino das doações eram a Alemanha.

<sup>52</sup> GALBADÓN, Federico. [Correspondência]. Destinatário: Anna Rotermond. Porto Alegre, 23/03/1942. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>53</sup> RAHMEIER, Andrea Helena Petry. Diplomacia, jogos políticos, intrigas e Guerra: A relação entre Alemanha e Brasil (1937-1942). 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2020. p. 181.

<sup>54</sup> ROTERMUND, Anna. [Correspondência]. Destinatário: Federico Galbadón, Porto Alegre, sem data. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>55</sup> ROTERMUND, Anna. [Correspondência]. Destinatário: Federico Galbadón, Porto Alegre, 25/03/1943. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS. Grifo no original

Ressalta-se que as roupas eram destinadas a hospitais militares e para combatentes, o que possivelmente justificava os comentários e a suspeita sobre o Subcomitê Alemão. Mais adiante no documento, o remetente voltava a enfatizar que o destino das roupas era a Alemanha, e diz que não deveriam ser doadas às “muitas famílias [que] estão passando necessidades, faltando-lhes igualmente roupas e peças de vestir”, pois estas famílias seriam amparadas “pela ‘Carteira dos Empregos Gratuitos da Sociedade União Popular’ e pela ‘Comunidade Evangélica’”, sendo então “desnecessário a distribuição deste material pertencente à Cruz Vermelha Alemã”<sup>56</sup>. Não constam outros documentos após a última comunicação de 25 de março de 1943, permanecendo em aberto o que aconteceu com as caixas de roupas do Subcomitê.

Enfim, com rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha, e a posterior declaração de guerra, permaneceu em atividade a Cruz Vermelha Brasileira, cujo leque de atuação era mais amplo, e o foco central eram as vítimas civis da guerra. No Rio Grande do Sul, a filial da CVB em Porto Alegre assumiu os trabalhos de coleta e envio de donativos, evitando, todavia, vínculos explícitos com grupos étnicos. Os trabalhos da filial foram reestruturados ao final da Segunda Guerra Mundial, quando a organização passou a receber cartas de deslocados de guerra europeus com demandas individuais de alimentos, remédios e roupas. Além disso, estes documentos carregam também aspectos do cotidiano da Alemanha pós-guerra, bem como dessas populações deslocadas e de sua vida precária<sup>57</sup>.

## Considerações finais

Portanto, o contexto europeu da Segunda Guerra Mundial, bem como o pós-guerra, mobilizou a sociedade civil de diferentes países no auxílio aos soldados e às vítimas civis da guerra. A organização internacional mais articulada e ramificada foi o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, representado

<sup>56</sup> ROTERMUND, Anna. [Correspondência]. Destinatário: Federico Galbadón, Porto Alegre, 25/03/1943. Pasta Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra, Acervo Benno Mentz, PUCRS, Porto Alegre/RS.

<sup>57</sup> O trabalho da filial apresenta diversas possibilidades de estudo, sob diferentes perspectivas, sobre o tema, ver: SAND, João Vítor; NEUMANN, Rosane Marcia. “De um irmão e irmã desconhecidos da terra das necessidades”: escritas de (des)conexões entre Alemanha e Rio Grande do Sul no Pós-Segunda Guerra Mundial. (2024). *Revista Hydra: Revista Discente De História Da UNIFESP*, 7(13), 166-185; THEISEN, João Vítor Sand. Na paz e na guerra, a caridade”: a atuação da Cruz Vermelha brasileira, filial do Rio Grande do Sul, no pós-Segunda Guerra Mundial (1946-1956). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. PUCRS. 2024; NEUMANN, Rosane Marcia. “A uma família desconhecida”: cartas de deslocados europeus à Cruz Vermelha Brasileira, filial Rio Grande do Sul, no pós-Segunda Guerra Mundial. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 32, 2025.

no Brasil pela Cruz Vermelha Brasileira e suas filiais estaduais. A atuação desta organização no durante e no pós-conflito é pública e notória, porém, ainda é pouco conhecido o lugar e o trabalho dos Comitês étnicos, formados e ativos durante a guerra, cujo foco central era auxiliar os prisioneiros de guerra. Aqui, nos detivemos no Comitê de Socorro às Vítimas de Guerra na Alemanha e o Subcomitê Alemão de Socorro às Vítimas de Guerra em Porto Alegre, fundados ainda em 1939, e com suas atividades encerradas em 1942, no contexto do rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha.

O Subcomitê Alemão de Porto Alegre, durante a Segunda Guerra Mundial, desempenhou um papel de mediador entre as comunidades de alemães e descendentes no Rio do Grande do Sul, e os civis e soldados alemães prisioneiros em diversos países, isso tudo através da Cruz Vermelha Brasileira. Grandes arrecadações e doações de diversos produtos e roupas foram encaminhados, sendo alteradas e modificadas conforme determinações. A análise das diferentes circulares permite o acesso às orientações repassadas aos doadores. A relevância dessas doações é reconhecida pelos seus beneficiários, bem como as autoridades, e a própria Cruz Vermelha Alemã. Ademais, traz à tona uma faceta do conflito ainda pouco explorada pela historiografia, qual seja, os internados alemães – mulheres, crianças, soldados, marinheiros – espalhados pelos cinco continentes, em campos de internação, enquanto prisioneiros. O que houve com eles no pós-1942? A documentação analisada não responde essa questão.

O estudo, com a redução de escala de análise, permite afirmar que os Comitês e Subcomitês estavam ligados, direta e obrigatoriamente, à Cruz Vermelha Brasileira e suas filiais estaduais. Ainda assim precisavam funcionar de acordo com a legalidade. O caso do Subcomitê Alemão é um exemplo claro de que as organizações humanitárias transnacionais, mesmo contando com sua estrutura e redes de apoio própria, o que lhes facultava certa autonomia, necessitavam da chancela de uma organização maior, como o Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Enquanto os comitês étnicos não resistiram ao cenário de 1942, a Cruz Vermelha Brasileira do Rio Grande do Sul permaneceu em atividade, captando as doações destinadas anteriormente a outras organizações, apresentando-se como desvinculada de ideologias políticas, angariando o apoio das autoridades do Estado e do país.

Enfim, o estudo revela uma intrincada rede de ajuda humanitária, estruturada em torno da Cruz Vermelha, mas de forte cunho étnico, alicerçada em uma elite nacional somada a uma elite étnica, que busca na caridade

um espaço de autopromoção e status social. Aqui, uma postura humanitária voltada para o exterior, mais precisamente, o contexto europeu, acompanhando um movimento internacional em prol das vítimas do conflito bélico e dos civis. Observar a costura dessas redes, suas articulações, seus discursos e representações, contribui para compreender a posição de uma parcela da população brasileira, que se congrega em comitês étnicos, como um nicho para fazer parte e a diferença naquele contexto.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Edições 70, 2021.

GRÜTZMANN, Imgart. Nacional-socialismo em almanaques de língua alemã no Brasil (1933-1939). ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

LEVI, Giovanni. Micro-história e história global. In: VENDRAME, Máira; KARSBURG, Alexandre. Micro-História: um método em transformação. São Paulo: Letra & Voz, 2020. p. 21.

MEDEIROS, Zigaró Homem de. A mudança no discurso assistencial vigente na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (1898-1919). In: Centro Histórico-Cultural Santa Casa. Santa Casa de Porto Alegre: histórias reveladas II. Porto Alegre: Evangraf, 2011. p. 63.

NEUMANN, Rosane Marcia. “A uma família desconhecida”: cartas de deslocados europeus à Cruz Vermelha Brasileira, filial Rio Grande do Sul, no pós-Segunda Guerra Mundial. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 32, 2025.

RAHMEIER, Andrea Helena Petry. Diplomacia, jogos políticos, intrigas e Guerra: A relação entre Alemanha e Brasil (1937-1942). 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2020. p. 181.

SAND, João Vítor; NEUMANN, Rosane Marcia. “De um irmão e irmã desconhecidos da terra das necessidades”: escritas de (des)conexões entre Alemanha e Rio Grande Do Sul no Pós-Segunda Guerra Mundial. (2024). Revista Hydra: Revista Discente De História Da UNIFESP, 7(13), 166-185.

SANTOS, Cláudia. “Dar a quem precisa” - o significado da caridade para a elite micaelense oitocentista o exemplo da casa Fonte Bela. Arquipélago - História, 2ª série, V (2001). p. 203.

THEISEN, João Vítor Sand. Na paz e na guerra, a caridade”: a atuação da Cruz Vermelha brasileira, filial do Rio Grande do Sul, no pós-Segunda Guerra Mundial (1946-1956). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. PUCRS. 2024.

Artigo recebido para publicação em 07/04/2025 e aprovado em 14/10/2025.